ACADÊMICOS INDÍGENAS E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Adriana Oliveira de Sales*

Doralina Garcia Jara**

Denise Silva***

RESUMO: Diante do contexto da pandemia, causado pelo o novo coronavírus (SARS-CoV-2), a Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu precisou dar seguimento as aulas de estágio supervisionado e maneira remota. Dessa forma, o presente texto tem por objetivo, problematizar essa oferta na área de linguagens e apresentar reflexão acerca da construção de um ensino intercultural e interdisciplinar, envolvendo as três subáreas: Línguas (língua Guarani como L1 e Língua Portuguesa como L2), Artes e Educação Física e os impactos diante da formação diferenciada de estudantes indígenas e das questões de acesso as tecnologias e da qualidade do ensino. Como método recorreu-se à estratégias de ensino on-line e a aplicação de aulas a partir de plataformas digitais. Após o estudo nessa modalidade, conscientizou-se da continuidade do ensino, mas que o uso de ferramentas tecnológicas ainda não atende essas populações específicas de maneira igualitária e com a qualidade esperada, mas que de certa forma, abriu espaço para aprendizado e respondeu a demanda do momento.

ABSTRACT: In the context of the pandemic, caused by the new coronavirus (SARS-CoV-2), the Indigenous Intercultural Licentiate Teko Arandu needed to continue the supervised internship classes and remotely. Thus, this text aims to discuss this offer in the area of languages and to present a reflection on the construction of an intercultural and interdisciplinary teaching, involving the three sub-areas: Languages (Guarani language as L1 and Portuguese as L2), Arts and Physical Education and the impacts on the differentiated training of indigenous students and the issues of access to technologies and the quality of education. As a method, online teaching strategies and the application of classes from digital platforms were used. After studying in this modality, he became aware of the continuity of teaching, but that the use of technological tools still does not meet these specific populations equally and with the expected quality, but that in a way, opened space for learning and responded to the demand from the moment.

PALAVRAS CHAVE: Licenciatura Indígena; Estágio Supervisionado; Pandemia (SARS-CoV-2).

KEY WORDS: Indigenous Licentiate; Supervised internship; Pandemic (SARS-CoV-2).

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado na área de linguagens é uma possibilidade de reflexão sobre a formação de professores indígenas e a educação linguística em contextos complexo de ensino de línguas.

Tem oportunizado o amadurecimento da formação em áreas de conhecimento dentro da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu da Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, assim como, promove reflexão acerca da construção de um ensino intercultural e interdisciplinar, envolvendo as três subáreas: Línguas (língua Guarani como L1 e Língua Portuguesa como L2), Artes e Educação Física.

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.

As experiências com o ensino diferenciado no estágio, tem entendido universidade e comunidade como campos teóricos e práticos em sua totalidade, pois é a partir das vivências com o contexto de ensino que se produz conhecimento. Acontece que quem 2020 a incidência de um novo vírus, o coronavírus (SARS-CoV-2), que acometeu o mundo e mudou a forma como se trabalhava até esse momento. Ninguém imaginava o quão ameaçador seria esse vírus.

Em meio a esses acontecimentos, os discentes que se preparavam para o estágio supervisionado no Tempo Universidade, sendo que o curso de formação desses estudantes se divide em tempo Universidade, que consiste em passarem um tempo aprofundando conhecimentos no espaço da universidade (UFGD/FAIND) e, o Tempo Comunidade (TC) em que os estudantes colocam em prática, em suas aldeias, os ensinamentos teóricos apreendidos. Voltaram para suas aldeias para aplicarem os planos em sala de aula. Infelizmente, o vírus se alastrou e foi considerado pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Preocupados com a disseminação da doença (Covid/19) e, como ninguém tinha muitas informações sobre ela, as universidades suspenderam seus calendários e as escolas municipais e estaduais se organizaram e passaram a funcionar com ensino remoto; nesse momento, mais precisamente em março, os acadêmicos estavam fazendo observação de aulas.

No primeiro semestre de 2020 com o calendário suspenso, nada se pôde fazer. No segundo semestre, a Universidade decidiu por ofertar disciplinas através de ensino remoto, criou o Regime Acadêmico Emergencial (RAE). Esse sistema de ensino não era obrigatório e somente alguns acadêmicos fizeram os componentes curriculares que foram ofertados, e nas escolas indígenas, devido à falta de acesso à internet apenas ofereciam atividades impressas de 15 em 15 dias, as quais os alunos ou responsáveis deveriam buscar na escola, realizar e depois devolver para os professores corrigirem.

No início desse ano (2021), pensando em possibilitar aos acadêmicos terminarem o curso, já no sistema Regime acadêmico por módulos e fases (RAEMF), o Componente Curricular de Estágio Supervisionado foi ofertado. O número de matriculados para cursar este componente curricular foi de dezoito estudantes indígenas. O trabalho foi iniciado sem que se soubesse o que seria feito para que esses acadêmicos pudessem estagiar e cumprir com essa exigência do curso. Sabia-se das dificuldades deles em relação ao acesso à internet, mas ainda assim seria necessário tentar, pois eles queriam terminar o curso. Eis que surgiu uma ideia: adaptar os planos e gravar videoaulas.

A inovação tecnológica a serviço da educação, embora não fosse o ideal, era o que se tinha para o momento. Não foi tão difícil a aplicação, pois no Plano de ensino do Componente Curricular Estágio Supervisionado, constava um texto em que se faria uma reflexão acerca da formação de professores para o uso das Metodologias Ativas e Ensino híbrido aplicados as aulas em contexto indígena.

Nesse sentido, esse texto apresenta uma reflexão acerca da oferta de estágio para a licenciatura intercultural indígena e especificamente na área de linguagens, apresenta

críticas com relação ao ensino remoto e as condições de acesso tecnológico por parte dos indígenas e ainda o que resultou dessa experiência

1 DESAFIOS DE SE ENSINAR NA ÁREA DE LINGUAGENS DE MANEIRA REMOTA

A proposta da área de Linguagens é de oferecer uma formação intercultural, bilíngue e multidisciplinar. Dessa forma, se oferece a formação de professores indígenas, de maneira diferenciada e específico para as comunidades Guarani e Kaiowá do Território Etno- Educacional do Cone Sul.

No que diz respeito à formação bilíngue proposta no curso, compreende-se que a língua indígena deve ser tratada como L1 (Língua 1) e a língua portuguesa como L2 (Língua 2). O caráter multidisciplinar da área, garante ainda, o desenvolvimento do curso através de componentes curriculares que contemplem o desenvolvimento de conhecimentos sobre Línguas, Artes e Educação Física. Contudo, para garantir também a autonomia de cada uma das áreas, foram previstas disciplinas específicas de cada uma delas. Sendo assim, o estágio precisa, necessariamente, oportunizar experiências em todas esses componentes.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso, 2015, o objetivo O objetivo geral da área de Linguagens é habilitar professores indígenas bilíngues Guarani/Kaiowá para atuarem no Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio nas seguintes áreas de conhecimento: Língua Guarani; Língua Portuguesa como Segunda Língua; Artes e Educação Física.

Dessa maneira, como oportunizarmos a articulação entre a aprendizagem durante as etapas de estudos intensivos (Tempo Universidade – TU) e a prática de organização e execução do trabalho pedagógico nas escolas indígenas (Tempo Comunidade – TC) durante a pandemia?

No período letivo 2020/2021, quando já havia regulação para a oferta do estágio durante o período pandêmico e uma relação de acadêmicos matriculados para aulas de estágio, foi criado um grupo no Whatsapp para se verificar a possibilidade de que fossem ministradas aulas síncronas. Houve uma conversa com os estudantes e foi disponibilizado material via Whatsapp, e-mail e Google Drive. Pretendia-se elaborar planos que atendessem o ensino diferenciado: ensino na área de linguagens com vistas ao ensino das línguas indígenas, ensino de português como segunda língua, artes e educação física.

Então, imbuídos no pensamento voltado ao ensino como forma de autonomia e criticidade e conscientes de que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática (Freire, 2011, p. 39), foram iniciadas as reflexões acerca de como organizar o trabalho de forma que se pudesse atingir a meta e proporcionar o protagonismo aos acadêmicos

vivenciando a prática docente, não da maneira que deveria ser realizada, mas de acordo com as possibilidades do momento.

O que se buscava era oferecer aos estudantes que assistiriam essas aulas um trabalho de qualidade, que os estimulasse a agir e pensar com autonomia, transformando-se e transformando a comunidade da qual fazem parte. Um trabalho sério, comprometido, voltado para os interesses dos povos indígenas. Nesse sentido, os trabalhos foram baseados metodologicamente nos pressupostos da pedagogia Freireana.

O método Paulo Freire conscientiza e politiza fazendo com que o indivíduo crie uma ação reflexiva e faça sua própria crítica do mundo. Para Freire, educar é sempre um ato político e de acordo com ele uma das primeiras condições para que o sujeito possa assumir um ato comprometido é que ele seja capaz de agir e refletir. Para ele, os conteúdos aplicados aos alunos deveriam corresponder as condições reais das pessoas e fazer parte do cotidiano delas. E no que tange a Educação escolar indígena é preciso pensar os conteúdos de acordo com as condições reais de uso, relacionado às atividades que fazem parte do cotidiano das comunidades indígenas.

Segundo Freire:

Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto de distanciar-se dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é seu, um ser histórico, somente este é capaz por tudo isto, de comprometer-se. (FREIRE, 1981, p. 17)

Assim como Paulo Freire, 1981 para se trabalhar com a comunidade indígena é preciso conhecer as experiências de vida local das aldeias, questões tais como: *Tekoha* experiências vividas na família, o *teko joja*, como o jeito harmonioso de ser, suas crenças religiosas, a cosmologia, e a partir desses conhecimentos, pensar o que será ensinado aos estudantes. Dessa forma, após momentos de reflexão sobre como o trabalho seria direcionado, deu-se início a atividade de estágio.

Os procedimentos adotados para a realização dos trabalhos foram basicamente os seguintes: estudo, reflexão, ajuste nos planos e gravação das videoaulas, avaliação da experiência. Os estagiários se organizaram em grupos, de acordo com as aldeias. Alguns não conseguiram porque não contavam com outros acadêmicos na sua aldeia, dessa forma tiveram de fazer sozinhos. Tendo em mente os objetivos, eles começaram a pensar em quais conteúdos trabalhariam e de que forma.

Durante esse processo foram evidenciadas as angústias e inquietações em torno das práticas educacionais indígenas, como colocar em prática tudo o que aprenderam e vivenciaram no tempo Universidade e Comunidade; como aliar a teoria à prática e trabalhar de forma contextualizada. Ainda que com muitos questionamentos, ansiedade,

elaboraram os planos e enviaram aos formadores até que fosse considerado adequado, visando a especificidade da educação escolar indígena.

Diante do exposto, foram abertas as portas para as tecnologias, tentou-se usá-las de forma consciente, de maneira que contribuísse com o processo de ensino-aprendizagem dos professores em formação, dos formadores, e dos discentes que estão nas escolas sedentos de conhecimento.

Muitas dificuldades foram diagnosticadas. Mesmo os estudantes fazendo uso de celulares, smartphones, notebook, terem aprendido durante o curso sobre multimeios, gravações e o uso da internet como instrumento passível de valorização das línguas indígenas, essas informações não eram iguais. Alguns possuíam mais acesso, mais dificuldade que outros. A depender do nível de contato com a cidade e com as tecnologias. Esse período pandêmico escancarou problemas sociais, econômicos de ensino, acesso e permanência de indígenas no ensino superior.

Dessa forma, a licenciatura Intercultural indígena que possui cerca de 220 estudantes, aplicou um questionário enviado no WhatsApp para entender um pouco mais sobre as possibilidades de estudos durante a pandemia. Dentre as questões apresentadas, selecionamos algumas que nos orientaram para fazer uma análise mais crítica com relação ao ensino nesse período. Dos 220 estudantes no curso, das áreas de ciência humanas, ciências da natureza, linguagens, matemática e bloco comum. A contar que a maioria das respostas se deram pelos alunos da área de linguagens, contabilizando, 39,7% do total.

Área que estuda?

121 respostas

Desses, 121 estudantes, quando questionados sobre as atividades remotas, cerca de 70,2% responderam que eram favoráveis e 29,8% se posicionaram contra o ensino dessa forma.

Você é a favor de ter atividades remotas?

121 respostas

Outra pergunta trivial que foi feita aos estudantes é se estariam cumprindo medida de distanciamento social, e a resposta foi que 100% estavam.

Você está cumprindo as medidas de distanciamento social?

121 respostas

Na tentativa de organizar melhor o ensino, havia uma pergunta sobre quais equipamentos os estudantes teriam disponíveis para o estudo e 78,5% dos alunos declararam ter que o celular seria o equipamento mais apropriado naquele momento para dar prosseguimentos aos estudos.

Quais equipamentos você tem disponível para acessar os materiais dos professores ?

121 respostas

Mesmo com acesso por meio do celular, a forma como receberiam as informações pela internet é que geraria mais complicação. A grande maioria só conseguiria acessar por meio de plano de telefonia celular, ou seja, dado móveis. Esses dados móveis são

limitados, o que inviabilizava em grande medida aulas síncronas e até mesmo, baixar arquivos.

Você possui acesso à Internet? (pode assinalar mais de uma alternativa, se quiser).

121 respostas

Dessa forma, temos algumas declarações apresentadas pelos estudantes nos relatórios de estágio:

“A minha regência não foi fácil para realizar, por causa da pandemia a escola não está funcionando de forma presencial, mas está dando atividades para os alunos ensino médio, eu tinha que acompanhar os professores no grupo de whasApp e Google Meet, mas eu não conseguia acompanhar regularmente. A cada dia que passava estava sendo mais difícil para realizar porque falta a internet, eu tinha que colocar os créditos para ter Internet mas mesmo assim não era suficiente para usar. Eu fiz aulas remotas com os alunos com terceiro ano de ensino médio, na verdade, eu não apliquei na sala presencialmente, fiz um plano de aula em língua portuguesa e língua kaiowá. Então, as minhas professoras orientaram para eu gravar videoaula, nessas aulas remotas eu apliquei o conteúdo de texto dissertativo- argumentativo. Eu expliquei os conteúdos na língua materna e português. Na língua portuguesa apliquei sobre a estrutura da dissertativo, expliquei como pode ser realizado um bom texto, qual estrutura pode ser usada no texto dissertativo. Na língua materna, a minha explicação foi na língua mesmo eu expliquei sobre as narrativas, usei o texto com o título de Feliciano que já estava na escrita da língua guarani. Esse foi na disciplina de língua materna. A disciplina de arte e educação física eu gravei vídeos no celular explicando sobre os conteúdos também o vídeoaula, na disciplina de artes meu tema foi *Guaxire*, então, expliquei como pode ser usado, onde, como, e ensinamento das regras, e educação física foi sobre movimentos” pag, 15.

Estando em comunidade indígenas diferentes, com condições dispare de ensino, o que se tornou viável, foram as aplicações de aulas no formato on-line. As aulas foram gravadas e era visível o descontentamento por parte dos estudantes em não atuarem presencialmente, mas diante da pandemia a tecnologia auxiliou para que passassem por essa experiência. O formato estava amparado no Regulamento de Estágio do Curso que

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: **Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.**

prevê várias formas de regência, uma delas, a que se concretizou foi a elaboração de projetos de ensino.

“A regência da Língua Portuguesa foi desenvolvida através de pesquisa, com a utilização de tecnologia para elaboração de um plano de aula, de acordo com a necessidade de aprendizagem dos estudantes da comunidade. Na elaboração desse plano de aula pensamos da importância dessa aprendizagem para os alunos, de adquirir esse conhecimento e para formação acadêmica. Neste componente curricular, gravei aula sobre texto narrativo, falei sobre os elementos da estrutura da narrativa.

E na regência de língua materna, para elaborar o plano de aula fiz as pesquisas juntos com os professores da própria comunidade, essa aula é muito importante para os estudantes adquirir os conhecimentos através dos saberes da sua própria realidade. O objetivo dessa aula é orientar os estudantes a escrever, registrar os saberes dos mais velhos.

E na regência de arte e educação física, elaboramos os planos de aula utilizando os saberes que os mais velhos utilizavam antigamente e que a maioria dos jovens atualmente não conhece mais essas práticas. Portanto os objetivos dessa aula é incentivar e mostrar como e a importância de trazer novamente essas práticas de saberes para os dias atuais nas escolas e assim os estudantes ter o conhecimento da sua cultura através da aula. Durante a elaboração dos planos de aula, apareceram muitas dificuldades, mas mesmo assim consegui desenvolver as aulas gravando as vídeoaulas. Pena que devido à pandemia da Covid-19 não pude vivenciar a prática da docência em sala de aula” Pag. 07.

2 GRAVAÇÕES DE VIDEO AULAS PARA O ENSINO NA ÁREA DE LINGUAGENS

As gravações das aulas se concretizaram diante de muitos desafios, vários acadêmicos indígenas contavam apenas com o celular para desenvolver todo trabalho solicitado para a conclusão do estágio; outra dificuldade se dava por conta do pacote de créditos de celular que acabava muito rápido, então os estudantes tinham que se deslocar até as escolas da aldeia para conseguir se conectar. Mas os obstáculos não pararam por aí, tiveram de aprender a utilizar os recursos tecnológicos, muitos deles sequer sabiam como organizar um slide para utilizar em suas aulas. Foi uma experiência e tanto, com isso, eles aprenderam e os docentes também, uma vez que não estavam acostumados a trabalhar com o ensino de maneira remota e muito menos utilizando as TICs. De acordo com Paulo Freire; “Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender (2011, p.25). Segundo Lilian Bacich,

(...)Só há possibilidade de aprender a fazer uso integrado das tecnologias digitais se estudantes e educadores fizerem uso desses recursos em situações reais de aprendizagem, atuando de forma colaborativa e vivenciando situações em que as TDIC possibilitem

posicionamento crítico e, conseqüentemente, favoreçam uma aprendizagem realmente transformadora. (2018, p.255).

Certamente, depois dessa experiência, a postura em relação ao uso das Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) será outra, pois mesmo com as dificuldades descritas, aprendeu-se rapidamente a utilizar os recursos disponíveis de forma crítica e consciente.

Não foi fácil, mas com o apoio dos educadores e dos colegas, em um trabalho colaborativo e de ajuda mútua, a maioria dos estudantes do *Teko Arandu* conseguiu adaptar seus planos para gravar videoaulas. Nesse sentido a experiência pode ser considerada transformadora e útil quando estiverem vivenciando a prática de sala de aula como um espaço instigante e democrático de aprendizagem, utilizando diferentes recursos para oferecer um ensino significativo aos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado neste momento em que o mundo começa a querer voltar à normalidade e que para nós aqui no Brasil ainda parece estar longe de terminar, fazer o nosso trabalho como já mencionamos, foi um enorme desafio. Não podemos deixar de registrar os nossos sentimentos para as milhares de famílias que se encontram enlutadas e também aos povos indígenas que perderam muitos dos seus entes queridos, dentre eles, Ñanderu e Ñandesy, que levaram consigo muitos saberes tradicionais que são caros a esses povos. Com o espírito de pertencimento a nação brasileira nos indignamos todos os dias com a falta de empatia e o negacionismo da classe dirigente do nosso país que continua o processo de destruição dos povos originários, negando-lhes o direito à Terra e à Vida. Querem roubar-lhes o direito de pertencimento a esse conjunto multicultural que hoje forma a Nação brasileira, enlutada com as mais de 500 mil mortos pela Covid/19.

Apesar de todas as intempéries, a disciplina de estágio supervisionado, do curso de formação intercultural indígena Teko Arandu, superando obstáculos e contando com a força desses “guerreiros” que são os futuros professores indígenas, conseguiu - com que quinze dos dezoito estudantes matriculados concluíssem o relatório de estágio. Embora tivessem muitas dificuldades em relação a conectividade, o trabalho incansável indo até as escolas para coletar dados, observar e fazer as atividades fez com que os futuros educadores indígenas cumprissem com a exigência do estágio supervisionado.

Dessa maneira percebemos de forma mais latente o quanto a desigualdade social atinge os grupos minoritários no país. Durante essa pandemia ficou exposta a diferença de quem tem e quem não tem acesso à educação de qualidade. Sabemos que não é de interesse da classe dominante a formação de indivíduos críticos, com competências necessárias para ressignificar o espaço/tempo, como um ser social, histórico e cultural, com poder de atuar com modo crítico de ler, ser e agir no mundo. Para eles, quanto menos as pessoas souberem, melhor. Daí a importância de sermos precursores ainda que

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.

de pequenas mudanças nas nossas práticas, as quais, juntas se tornam fortes e relevantes, contribuindo para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BACH, Lilian, MORAN, José, organizadores. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] / Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB.

BIANCHI, ANNA CECILIA DE MORAES; BIANCHI, ROBERTO; ALVARENGA, MARINA. **Manual de orientação: estágio supervisionado** . 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Brasília: MEC/CNE, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

NASCIMENTO, ADIR CASARO. **Estagio em supervisão escolar: uma alternativa para a formação de novos supervisores**. Campo Grande, MS: UFMS, 1986.

PICONEZ, STELA C. BERTHOLO. **A prática de ensino e o estágio supervisionado** . Campinas, SP: Papirus, 2006.

* Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD, 2007), especialização em Gestão Escolar: supervisão e orientação pela Faculdade Iguaçu (2008), Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade- pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, 2010). Atualmente é doutoranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenadora do Projeto da Licenciatura Intercultural no Programa Residência Pedagógica / CAPES. Tem experiência na área de Educação Escolar Indígena; Formação de Professores; Políticas Linguísticas; Ensino de Português como Segunda Língua; Alfabetização e letramento em comunidades indígenas. <https://orcid.org/0000-0002-5881-1215>

** Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1995) e Especialização em Língua Portuguesa - Área de concentração: Tendências contemporâneas do Ensino de Português pela mesma Universidade (1999). Atualmente é professora concursada da secretaria estadual de educação e cedida para a Universidade Federal da Grande Dourados. doralinajara@ufgd.edu.br

*** Licenciada em Pedagogia (2004) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Mestrado em Letras (2009) também pela UFMS, e Doutorado (2013) e Pós-doutorado (2016) em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp); Pós- doutorado em Sociolinguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2018) e Pós-doutorado em Estudos Culturais pela UFMS (2020). Tem experiência na assessoria linguística e pedagógica em cursos de formação inicial e continuada de professores indígenas e na produção de

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: **Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.**

material didático para ensino de línguas em contextos complexos. É uma das fundadoras do Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (Ipedi - 2012) e ocupa o cargo de presidente da instituição. Atualmente é Professora Visitante do Programa de Pós- Graduação em Letras da FACALE/UFMG. E-mail para contato: denisemiranda83@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0602121370347648> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4558-7100>